

GONÇALVES, Alfredo Jose. *Retratos da metrópole*. - 1. ed. São Paulo: Centro de Estudos Migratórios - CEM, 2022 (508 p.).

Prefácio I - O autor e a escuta ao migrante

Homem do mundo, que pensa o mundo e escreve sobre o mundo e para o mundo: o de todos e o de cada um, em suas múltiplas relações pessoais e sociais. O mundo do indivíduo e da humanidade, mas também do desumano e da desumanidade que habitam a sociedade capitalista. Este homem, de essência e essencial, é o nosso autor.

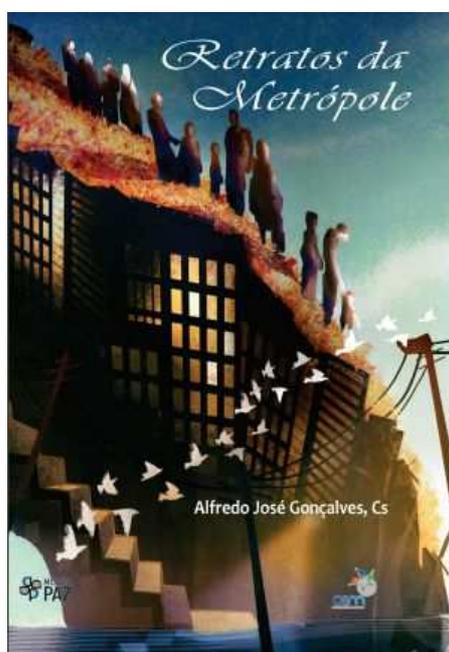
Seus escritos traduzem, com doído lirismo, a ambiguidade¹ que constitui e rege a vida de homens e mulheres comuns – o “povo”, como ele denomina –, em um mundo produzido e produtor de contradições que caracterizam o permanente movimento do viver em sociedade. Seus belos, profundos e instigantes poemas e ensaios são inteiramente voltados e devotados a esse “povo”, no intento de lhe (e nos) mostrar o modo de constituição, em seu cotidiano, da relação entre aparência/essência, visível/invisível, superfície/subterrâneo, realidade/representação, dissimulação/conhecimento, sujeição/liberdade.

Em seus textos, nosso autor busca, portanto, revelar ao “povo” – seu leitor preferencial (mas também a nós, os outros leitores) –

como, ao vivenciar e representar estas situações e condições de vida opostamente complementares, erguem-se contra ele os infundáveis “muros” que, concreta e simbolicamente, determinam a fragmentação de sua compreensão de como e por que a totalidade do mundo atua sobre a particularidade² de suas vidas, restringindo seu acesso a direitos fundamentais e re/produzindo a constante privação de suas necessidades existenciais e humanas.

Ao tecer, então, a intrincada narrativa de como “a história” separou tudo o que a ‘geografia’ havia unido”, nosso fundamental autor atribui-se inteiramente a “missão” de contar ao “povo” – sobre quem e para quem escreve – como a “liberdade do capital” se contrapõe à dos indivíduos, desenraizando-os de sua terra, opondo-os à natureza, produzindo, assim, “órfãos de pais vivos”, “adultos antes dos 10 anos”, “mortos antes de viver”; “esposas de homens sem trabalho, mães de crianças sem comida, filhas de uma terra sem terra”.

O “povo” é representado, no presente livro, na figura do “migrante” (tanto os nacionais, como os imigrantes e emigrantes),



¹ “[...] a ambiguidade é uma categoria da vida cotidiana e, provavelmente, uma categoria essencial”. Cf. Henri Lefebvre, *Critique de la vie quotidienne* I, p. 26.

² Em *O cotidiano e a história*, Agnes Heller aponta que “a vida cotidiana é a vida do homem inteiro”, pois “caracteriza-se pela muda coexistência de particularidade e genericidade” (pp. 17 e 20).

confrontado à necessidade de migrar, deixando atrás o conhecido lugar de origem, para se embrenhar no desconhecido modo de sobre/viver no lugar de destino. Com uma linguagem compreensível e compreensiva, nosso autor desvenda como as dificuldades de vida do migrante são determinadas pelo complexo e perverso processo de re/produção do capital, acarretando a “(sua) criminalização e a instrumentalização do medo, na sociedade”, gerando a “intolerância, o preconceito, a discriminação, o racismo e a xenofobia” em relação a ele.

Nosso autor, Pe. Alfredinho (assim chamado por todos nós, que o conhecemos e admiramos), constrói, aqui, um processo de análise e exposição da questão migratória, e da migração como questão, que parte da indagação – quem é o migrante? – que também inquietou outro grande teórico dos estudos das migrações, Abdelmalek Sayad, (1999)³. Entretanto, pode-se dizer que sua busca parece não se esgotar com a resposta a que ambos (também imigrantes) chegaram: a de que o migrante é aquele que não está nem aqui, nem lá, mas tenta, desesperadamente, estar aqui, sem deixar de ser o que havia sido lá.

Uma explicação possível parece residir no fato de Pe. Alfredinho colocar-se na/a missão de apontar um caminho para a superação da “ambiguidade” da vida e do viver do migrante, propondo, para tanto, a necessidade da escuta ao “povo” que não tem voz. Escuta esta, que permite inclusive a ele próprio, enquanto autor, colocar-se no lugar do “outro” (o migrante) e falar nesse “outro” e por esse ‘outro’ a um “outro” (todos os segmentos sociais interessados em conhecer e compreender as causas e consequências do processo migratório).

Nessa escuta, que é produto e produtora de sua forte identificação com o migrante (e o “povo” nele representado), Pe. Alfredinho assume o duplo papel de autor e ator, pois, nestes textos, ele é ora quem escuta a fala do migrante, ora quem clama por ele; ora quem observa, ora quem é observado; ora narrador, ora personagem. Em seu livro, ele é o autor que nos explica analiticamente a situação e a condição de vida do migrante, na terra de origem e no lugar de destino; mas também é, em vários momentos, o ator que representa para o leitor a vida de seus vários retratados: o adulto, o jovem ou a criança; o homem ou a mulher; o migrante, o emigrante ou o imigrante; o oprimido e, mesmo, o opressor.

Alcançando o coração e a mente do leitor, ao expor-lhe as formas de sujeição e opressão enfrentadas pelo migrante, nosso autor aponta a escuta a este como o caminho possível para a sua emancipação e superação, pois ela constitui a “contraface” que possibilita “instrumentalizar” e fazer aflorar a fala daqueles que não têm voz, por serem auto/impedidos de dizer.

A profunda identificação do autor com o modo de pensar e sentir do migrante toma, portanto, a forma de uma escrita que parece construir um movimento similar ao da vida de seu retratado, o migrante, alternando, oposta e complementarmente, momentos de descrença e de esperança no porvir. Assim, seus belos e intensos poemas falam dos desafios e encruzilhadas interpostos ao viver do migrante, mas também expressam seu ensejo e desejo de mudança desse viver. E não seria mesmo este o movimento da vida do migrante, já que, do contrário, não lhe seria possível sobre/viver no lugar de destino?

Ana Cristina Arantes Nasser
USP - Universidade de São Paulo.

³ Cf. Abdelmalek Sayad. *La double absence. Des illusions de l'émigré aux souffrances de l'immigré*.

Prefácio de Pierre Bourdieu. Coleção Liber. Paris: Éditions du Seuil, 1999.